

UCRÂNIA: O QUE ESTÁ REALMENTE ACONTECENDO?

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Rússia intensifica suas operações na Ucrânia, gerando especulações sobre uma nova ofensiva; em paralelo, planos franceses e britânicos para uma “força de manutenção da paz” adicionam potencial para escalar o conflito.

Recentemente, as forças russas têm se concentrado em recapturar território na região de Kursk, na Rússia. Tendo em vista possíveis negociações, os russos queriam impedir que o território russo servisse como moeda de troca para a Ucrânia. Os russos agora têm novamente à disposição as forças que usaram em Kursk. A Ucrânia está tentando criar uma ameaça menor na área de Belgorod. Dessa forma, eles querem forçar os russos a manterem suas tropas lá o máximo de tempo possível. Em segundo lugar, há a *Rasputitsa*, a estação da lama, quando grandes áreas e estradas não pavimentadas na Ucrânia ficam intransitáveis. Isso pode ser visto em vídeos de ambos os lados do conflito. Assim como aconteceu no ano passado, os russos estão usando esse tempo para se reagrupar.

O coronel Fernando Duran nos atualiza: “*Situação Operacional: A Rússia aumentou seu Esforço Operacional Principal Ofensivo na direção de Pokrovsk (com um ataque principal do sudeste e ataques secundários do leste e nordeste pelo Comando Operacional Central) e este Esforço Operacional Principal é apoiado por Esforços Operacionais Secundários do Comando Operacional Oriental do sul que atacam na direção de Dnipropetrovsk para cortar as comunicações ucranianas com Pokrovsk em Mezhoza. O Comando Operacional Sul na direção de Chasov Yar-Konstantinivka-Toretsk constitui um Esforço Operacional Secundário Ofensivo para proteger o*

Esforço Operacional Principal na direção de Pokrovsk de contra-ataques proeminentes de Kramatorsk-Slavyansk. Além disso, este Esforço Operacional Principal é apoiado pelos Esforços Operacionais Ofensivos Secundários em Kupyansk, Chasov Yar e Kursk; Zaporizhia-Kherson; e um Esforço Operacional Defensivo Secundário Esforço operacional em Belgorod. O Esforço Operacional Secundário Naval, no qual a Rússia disputa o controle do noroeste do Mar Negro, está conduzindo disparos operacionais do Mar Negro com uma Força-Tarefa Naval.

No Domínio Aeroespacial, a Rússia está desenvolvendo uma Contraofensiva Aérea a leste do Dnieper, destruindo sistemas de defesa aérea, bases aéreas e aeronaves. Tudo isso é apoiado por fogos operacionais com o propósito de isolar o campo de batalha atacando concentrações de tropas fora da zona de combate do Teatro de Operações, infraestrutura ferroviária, bases aéreas e indústrias de defesa.”

MAIS NÉVOA DA GUERRA 2.0

Ultimamente temos visto circulando na internet um estudo do Greenpeace que aponta para o aumento de armamento da OTAN contra a Rússia. Afirma-se que na Alemanha há um reflexo de acumulação de armas motivado pelo medo, embora (de acordo com o relatório) a OTAN seja claramente superior à Rússia em termos militares.

De acordo com nossa análise, este estudo tem como objetivo tranquilizar. Ele afirma que não são necessários mais esforços de rearmamento. É bastante tendencioso, porque o estudo nega completamente muitas coisas: por um lado, o estado atual das forças armadas europeias e a produção de armas e, por outro, o que a Federação Russa fez nos últimos três anos para modernizar suas forças armadas. Há um claro desequilíbrio a favor da Rússia aqui. Há um estudo muito mais significativo sobre o assunto, preparado pelo *think tank* Royal United Services Institute (RUSI), sediado em Londres. Os resultados são completamente contrários aos da pesquisa do Greenpeace.

O estudo do RUSI também afirma que a Rússia ocupa uma posição de liderança na produção de armas. Devido aos efeitos da propaganda e da desinformação, a Névoa da Guerra 2.0, muitas pessoas acham difícil entender por que a Rússia consegue sustentar a guerra por tanto tempo, dado seu poder econômico relativamente baixo. O primeiro erro é supor que a Rússia está lutando esta guerra sozinha. Primeiro, a China fornece componentes importantes para a produção. Em segundo lugar, a Índia está recebendo matérias-primas de Moscou e despejando dinheiro nos cofres do Kremlin. Terceiro, há países como a Coreia do Norte e o Irã que fornecem *hardware*: os iranianos drones, os norte-coreanos munição de artilharia. Há também outros países, como os da CEI. Eles estão ajudando a Rússia a escapar das sanções.

Além disso, a Rússia produz consideravelmente mais armas com sua indústria de armamentos do que os países da OTAN por pouco dinheiro. O relatório RUSI oferece exemplos disso. Um exemplo é a munição de artilharia e seus custos. Na Rússia, um projétil de artilharia de 152 milímetros custa pouco menos de US\$

1.000, enquanto na Europa o preço aumentou quase US\$ 1.000. A Europa ainda não é capaz de produzir o que é necessário.

A Rússia produziu entre 2,5 e três milhões de projéteis de artilharia em 2023 e 2024. Incluindo suprimentos da Coreia do Norte, a Rússia teve à sua disposição até 12 milhões de projéteis de artilharia durante esses dois anos. Além disso, entre 2.000 e 3.000 veículos blindados de combate são produzidos na Rússia a cada ano, 10% a 15% dos quais são novos, enquanto a produção na Ucrânia é muito limitada. Entretanto, na Europa há muitos veículos que não estão mais operacionais. Isso significa que, embora no papel haja grandes estoques, apenas alguns veículos de combate estão disponíveis. Outro exemplo são as bombas planadoras usadas pela Rússia. Bombas planadoras são, na verdade, bombas antigas que foram convertidas em planadores usando um *kit* barato. O *kit* custa cerca de US\$ 20.000. Em 2024, a Rússia produziu 40.000 bombas planadoras, e 70.000 são esperadas até 2025.

SUPERIORIDADE RUSSA

Há indicações claras e objetivas da superioridade militar da Rússia no *front*. Por exemplo, a Rússia tem uma taxa de produção constante de cerca de 100 a 150 mísseis de cruzeiro de diferentes tipos por mês. Isso permite um ou dois ataques grandes e eficazes por mês. Drones adicionais são usados para distrair as defesas aéreas ucranianas. A Ucrânia precisa urgentemente de mais apoio ocidental para melhorar sua defesa aérea.

A Rússia converteu completamente sua economia em uma economia de guerra. Alguns observadores dizem que é principalmente a economia de guerra que mantém a economia russa viva, além da venda de matérias-primas para seus aliados. Na Rússia, estima-se que haja cerca de 3,5 milhões de pessoas trabalhando na indústria de defesa em três turnos. Isso cria empregos e investimentos e permite que mais dinheiro flua para os cofres do estado.

Nossa avaliação indica que os países europeus provavelmente não querem transformar completamente suas economias em uma economia de guerra. Mas, como os líderes atlantistas da UE vêm proclamando, em algum momento eles terão que confrontar a Rússia.

Esse é precisamente o dilema: ninguém na Europa quer transformar seu país em uma economia de guerra. Por outro lado, os países europeus devem, pelo menos parcialmente, caminhar em direção a uma economia de guerra se quiserem que a Ucrânia se defenda com sucesso contra a Rússia. Nos últimos três anos, ficou claro que a Europa não estava preparada para uma guerra de atrito com a Rússia. No início da guerra, a Europa tinha pouca munição de artilharia disponível. Somente por meio da produção isso poderia ser melhorado. Mas até hoje, a Europa continua muito atrasada na produção de armas.

Enquanto isso, Macron e Starmer estão preparando ou fazendo planos para enviar tropas de “manutenção da paz” (como a Rússia vê isso?) para a Ucrânia. Isso seria uma provocação que poderia levar a uma escalada incontrolável.

Londres e Paris estão prontas para enviar tropas para a Ucrânia. O ex-parlamentar ucraniano Oleg Tsarev nos conta: *“Pelo segundo dia em Kiev, autoridades e militares ucranianos se encontraram com os chefes do Estado-Maior do Exército britânico e francês, Anthony Radakin e Thierry Burcard.”*

O tópico diz respeito à discussão dos detalhes da implantação de um contingente militar ocidental na Ucrânia. Zelensky diz que houve progresso tangível.

Tsarev, que sobreviveu milagrosamente a uma tentativa de assassinato pelo regime de Kiev, relata que, de acordo com informações fornecidas por suas fontes, a 11ª Brigada de Paraquedistas do Exército Francês está planejada para ser enviada à margem direita do Dnieper.

Enquanto isso, a Grã-Bretanha está preparando sua 16ª Brigada de Assalto Aerotransportada para ser enviada a Odessa e Kherson para controlar os portos do Mar Negro.

Abaixo, o almirante anglo-saxão Radakin confirma, com fotos ao lado de Zelensky: *“Ontem, visitei Kiev com o general Burkhard para me encontrar com o presidente Zelensky. A Grã-Bretanha e a França estão unindo forças, e a Europa está intensificando seus esforços de forma concreta e substancial, com 200 planejadores de 30 países trabalhando para fortalecer a segurança da Ucrânia a longo prazo.”*

NOVA OFENSIVA?

A guerra está longe de terminar. Os russos estão planejando uma nova ofensiva?

Atualmente, os russos estão cada vez mais implantando sistemas de reconhecimento e armas de longo alcance atrás das linhas ucranianas. Eles estão procurando alvos e destruindo-os, possivelmente em preparação para outra ofensiva que pode ser esperada no início do verão. Pokrovsk está prestes a ser tomada pelos russos. A Rússia também está se concentrando em outra área e suas tropas planejam avançar em direção ao Oblast de Dnipropetrovsk. Os russos também avançaram na região de Zaporizhia. Preparativos para uma grande operação também podem estar em andamento aqui. A guerra não para, e alguns buscam uma escalada. Isso pode acabar mal...

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
